

## **Conquistas mexicas, conquistas castelhanas: a construção de uma crônica castelhana alternada com textos pictográficos indígenas na seção histórica do códice *Mendoza***

Eduardo Henrique Gorobets Martins<sup>1</sup>

Produzido cerca de vinte anos após a conquista de México-Tenochtitlan, o códice *Mendoza* é utilizado em alguns estudos como uma fonte primária para inferências sobre o mundo pré-hispânico (QUIÑONES KEBER, 2008: 175-192), as quais são realizadas a partir da projeção no passado dos conteúdos dos textos pictográficos<sup>2</sup> registrados. Há estudos que demonstram a manutenção de formas e estruturas nativas no registro dos glifos (ROBERTSON, 1959: 106), muitas vezes em comparação com manuscritos pré-hispânicos de outras regiões mesoamericanas ou à produção de cultura material pré-hispânica sem, contudo, ignorar os prováveis objetivos e o contexto colonial da produção do códice *Mendoza*, além da organização do manuscrito estruturada na forma da crônica europeia.

O objetivo deste texto é analisar a seção histórica de um manuscrito colonial de origem mexica ou asteca conhecido como códice *Mendoza*, destacando a presença da crônica europeia como estrutura dos textos alfabéticos, que se intercalam a textos pictográficos de origem indígena. Embora o manuscrito mencionado apresente textos pictográficos configurando estruturas semelhantes às de histórias produzidas em tempos pré-hispânicos por mexicas e outros povos mesoamericanos, estes são submetidos de forma ilustrativa aos textos alfabéticos em castelhano, estruturados como uma crônica europeia. Na seção histórica do códice *Mendoza*, a submissão entre os textos parece se traduzir também em uma projeção de poder dos castelhanos sobre os mexicas: os povos conquistados por México-Tenochtitlan em tempos pré-hispânicos são automaticamente apropriados pela conquista castelhana e integram uma espécie de “pré-história” do Vice-Reino da Nova Espanha.

A seguir, são apresentadas informações gerais sobre o códice *Mendoza*, que tem como objetivo esclarecer seu contexto de produção, seus autores e objetivos. Em seguida, será analisada a estrutura da seção histórica do códice, a fim de evidenciar a centralidade da estrutura de crônica para além da alternância entre textos pictográficos e alfabéticos.

---

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP). Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Pesquisador associado do Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos da Universidade de São Paulo (CEMA-USP).

<sup>2</sup> O termo pictográfico é utilizado por autores como Miguel León-Portilla (1992) e Eduardo Natalino dos Santos (2009) com o objetivo de enfatizar as principais características do sistema de escrita mixteco-nahua: a presença de glifos ideográficos, logográficos e fonéticos em composição com elementos pictóricos.

## O códice *Mendoza*

O *Códice Mendoza* também é conhecido como *Códice Mendocino* e de *La colección Mendoza*. Produzido em 1541, trata-se de um manuscrito de 71 fólios (com 142 páginas — de 32,7 x 22,9 cm - numeradas) feito com papel europeu e encadernado como um livro à maneira europeia da época (GLASS & ROBERTSON, 1975: 160-161; NICHOLSON, 1992: 1-12). Acredita-se que o códice *Mendoza* tenha sido produzido a pedido do vice-rei Antonio de Mendoza para ser enviado ao imperador Carlos V. No entanto, o documento foi roubado no meio da viagem por corsários franceses e passou, depois, pela mão de diversos colecionadores e estudiosos até chegar na Bodleian Library, em Oxford, Reino Unido, onde se encontra atualmente (ALCINA FRANCH, 1992: 108).

Quanto à escrita, o códice alterna fólios que utilizam texto alfabético em castelhano com fólios que registram o sistema pictoglífico mixteco-nahua, com glosas em castelhano ou em nahuatl<sup>3</sup>. Federico Gómez de Orozco propôs, em 1941, que o autor dos textos pictoglíficos seria o indígena Francisco Gualpuyagualcal, por pedido expresso do vice-rei; já os textos alfabéticos em castelhano teriam sido escritos pelo *nahuatlato*<sup>4</sup> Juan González da Catedral de México (ROBERTSON, 1959: 95-96). Juan José Batalla Rosado afirma, de forma complementar, que Francisco Gualpuyagualcal poderia ter sido um dos seis *tlacuilo* (ou *escribas*), que confeccionaram a *Matrícula de Tributos*<sup>5</sup>, manuscrito que teria servido de base para parte do códice *Mendoza* (BATALLA ROSADO, 2007)

O códice *Mendoza* está dividido em três seções. A primeira é considerada histórica por narrar as conquistas realizadas pelos mexicas desde a fundação da cidade ou *altepetl*<sup>6</sup> de México-Tenochtitlan até a conquista castelhana, ocorrida em 1521, e está dividida pelos períodos em que cada um dos nove governantes esteve no poder. A segunda seção, conhecida como tributária ou econômica, apresenta uma lista dos povos submetidos aos mexicas, separados em províncias, e os tributos que cada um deles pagava a México-Tenochtitlan. Por fim, a terceira seção, é chamada de etnográfica porque contém descrições da vida cotidiana mexica em tempos pré-hispânicos (BERDAN & ANAWALT, 1997: XI-XIII). Apesar da

<sup>3</sup> A língua nahuatl é utilizada geralmente para alguns substantivos, tais como antropônimos e topônimos.

<sup>4</sup> *Nahuatlato* é um adjetivo que significa *aquele que fala nahuatl*. Também é usado para os tradutores coloniais que falavam nahuatl e castelhano.

<sup>5</sup> A *Matrícula de Tributos* é um manuscrito tributário mexica produzido no período pré-hispânico, provavelmente entre 1511-1519.

<sup>6</sup> De acordo com Pedro Carrasco (1996) termo *altepetl* pode designar um centro cívico ou a totalidade territorial da cidade e é, em geral, identificado como *pueblo*, em castelhano.

divisão do manuscrito em três seções, nesse texto será analisada a primeira seção, localizada entre os fólhos 1r e 16v.

Na Figura 1, a seguir, há exemplos de fólhos com textos em castelhano seguidos de fólhos com textos predominantemente pictográficos<sup>7</sup> em cada uma das três seções do códice Mendoza. Os conteúdos tratados em cada par de fólhos são semelhantes, embora o fólho que contém textos alfabéticos em castelhano seja mais detalhado, reservando uma função ilustrativa ao fólho pictográfico correspondente.



Figura 1 - Fólhos do códice *Mendoza* alternando textos alfabéticos em castelhano (acima) e textos majoritariamente pictográficos (abaixo). Cada um dos três grupos corresponde a dois fólhos seguidos nas três seções do manuscrito: fólhos 11v (alfabético) e 12r (pictográfico) da seção histórica; 26v (alfabético) e 27r (pictográfico) da seção tributária; e 59v (alfabético) e 60r (pictográfico) da seção etnográfica. Fonte: BERDAN e ANAWALT, 1992.

<sup>7</sup> A fim de facilitar a compreensão do texto, o termo *fólho com textos predominantemente pictográficos* será referido apenas como *fólho pictográfico*.

## **A seção histórica do códice *Mendoza*: o *xiuhamatl* mexica e a crônica castelhana**

Como dito anteriormente, a primeira seção do códice *Mendoza* é conhecida por apresentar textos pictográficos de tradição indígena em composição com textos alfabéticos em castelhano. Em tempos pré-hispânicos, mexicas e outros povos mesoamericanos produziram centenas de códices que eram de diferentes gêneros e tratavam de diversos assuntos, entre os quais estavam os manuscritos com conteúdo que chamamos de histórico: os *xiuhamatl* ou *livros da conta dos anos* (SANTOS, 2009: 79-80). No entanto, nenhum códice pré-hispânico mexica sobreviveu à conquista. As primeiras tentativas de evangelização empreendidas por conquistadores e missionários buscaram eliminar os manuscritos que tratavam, entre outras coisas, do que era por eles chamado de *idolatria*, ou seja, o culto às deidades pré-hispânicas; além disso, muitos manuscritos foram destruídos ou escondidos pelos próprios povos que os haviam confeccionado e, posteriormente, substituídos por outros novos, que seriam mais adequados às distintas circunstâncias do regime colonial (NAVARRETE LINARES, 1998).

Apesar da inexistência de códices mexicas pré-hispânicos conhecidos, alguns estudiosos (ROBERTSON, 1959; ESCALANTE GONZALBO, 2010) realizaram comparações entre os textos pictográficos das tradições históricas mexicas coloniais e mixtecas pré-hispânicas, identificando um parentesco entre ambos os manuscritos por meio da utilização de traços, cores e formas semelhantes entre os glifos e identificado permanências e transformações entre os dois estilos. Entre as permanências, podem ser destacados os glifos do calendário indígena, dos topônimos e dos nomes dos agentes, por exemplo. Estes glifos sofreram pequenas alterações ou se conjugaram com a composição de paisagens, elementos de perspectiva e novas formas de representação do corpo humano (PASTRANA FLORES, 2011: 51-52).

A transformação mais importante, provavelmente, foi a introdução dos textos alfabéticos, que levou à reelaboração dos textos pictográficos nos manuscritos ao longo do século XVI; a presença do alfabeto veio acompanhada, ainda, do formato de livro europeu, distinto das longas tiras feitas com peles de animais ou papel e dobradas à maneira de biombo, tal como eram produzidas em tempos pré-hispânicos (ROBERTSON, 1959). Os textos alfabéticos, no entanto, preservaram informações provenientes da tradição oral, configurando leituras parciais ou acrescentando outros dados além dos textos pictográficos registrados (LEÓN-PORTILLA, 2012: 91-110). No caso do códice *Mendoza*, a oralidade foi certamente

essencial para a produção dos textos alfabéticos em castelhano, embora tenha sido incorporada à estrutura de crônica europeia.

Na Figura 2, a seguir, é possível notar a alternância dos fólhos que têm textos alfabéticos em castelhano com os fólhos que apresentam textos pictográficos, além de outros quatro fólhos em branco. Os fólhos pictográficos podem ser divididos em nove conjuntos, contendo de um a três fólhos, que correspondem aos nove governantes mexicas e seus respectivos períodos de governo e conquistas. Intercalados a esses nove conjuntos de fólhos pictográficos, há dez conjuntos de fólhos contendo explicações por meio de textos alfabéticos em castelhano, ao longo de um ou dois fólhos – o primeiro conjunto, formado por dois fólhos, introduz a narrativa e explica de forma resumida a utilização do calendário indígena nos fólhos pictográficos.



Figura 2 - Os fólhos da seção histórica do códice *Mendoza* (fls. 1r-16v). Fonte: BERDAN e ANAWALT, 1992.

Os fólhos pictográficos da seção histórica do códice *Mendoza* apresentam uma estrutura padronizada, com exceção do fólho 2r. O fólho 2r é o primeiro deste manuscrito que contém textos pictográficos. Nele é representada uma sequência de 51 anos do calendário indígena que

emolduram o esquema cosmográfico de México-Tenochtitlan, com seu glifo toponímico no centro, abaixo de uma enorme águia; o nome da cidade também aparece na glosa em texto alfabético logo abaixo do glifo toponímico. Além disso, o fólio também é composto por: glifos de plantas ou de elementos presentes na cidade mexicana; glifos de pessoas nomeadas por meio de glifos antroponímicos e glosas; e, fora do esquema cosmográfico, duas representações de conquista de cidades realizadas pelos mexicas – com seus glifos toponímicos e glosas. Na Figura 3, abaixo, está reproduzido o fólio 2r do códice *Mendoza*, caso excepcional à estrutura padronizada dos fólios pictográficos deste manuscrito.



explicações sobre o funcionamento do calendário indígena, utilizado nos fólios pictográficos, e fornece, ainda, uma sequência de treze anos, representados por meio de glifos, como exemplo do ciclo calendário formado por 52 anos, conhecido como *xiuhmolpilli*.

A função dos textos pictográficos como ilustrações dos textos alfabéticos, que ocorre entre os fólios 1r, 1v e 2r, se repete no restante da seção histórica do códice Mendoza, porém, de forma mais esquemática.

A partir do fólio 2v, o códice *Mendoza* apresentam uma estrutura padronizada e marcada pela sucessão dos períodos de governo de México-Tenochtitlan. Nos fólios pictográficos, os elementos presentes são os seguintes: A) representações dos anos do ciclo do *xiuhmolpilli* (integrante do calendário mesoamericano) para o período de governo; B) representação do governante e seu glifo antroponímico; C) representação do glifo de guerra, formado por um escudo e flechas; D) representações dos topônimos conquistados associados ao E) glifo de um templo queimado – em alguns casos, as representações são tão numerosas que ocupam um segundo ou terceiro fólio<sup>9</sup>. Na Figura 4, a seguir, é possível localizar tais elementos no fólio 12r – sendo que os elementos D) e E) se repetem em outras 13 ocasiões no mesmo fólio.

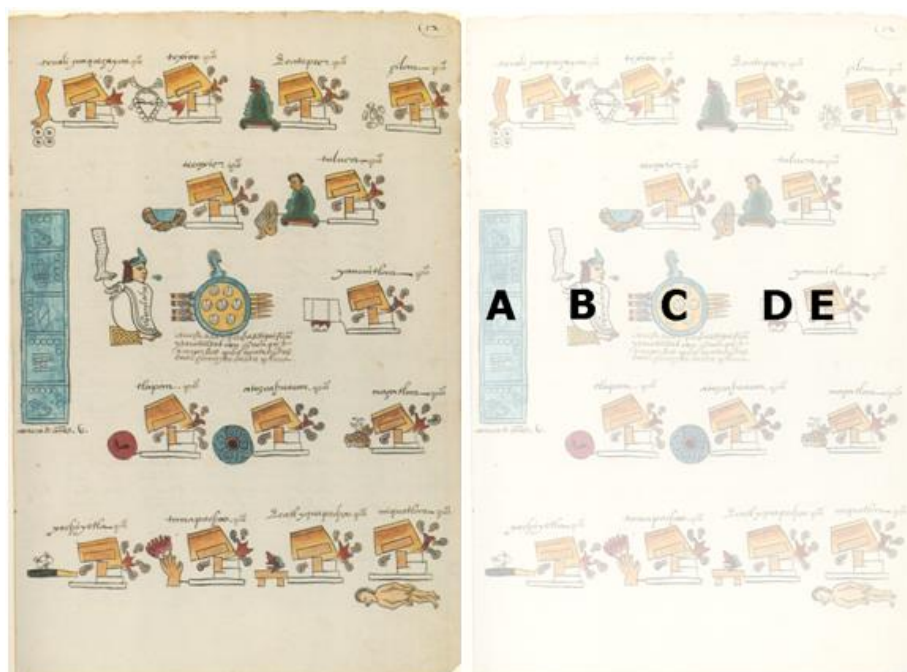


Figura 4 – Elementos que compõem as representações pictográficas no fólio 12r do códice *Mendoza*. Fonte: BERDAN e ANAWALT, 1992.

<sup>9</sup> Outros elementos também estão presentes em alguns fólios, tal como: glifo representando a cerimônia do Fogo Novo, marcando a sequência de ciclos do *xiuhmolpilli*, a cada 52 anos representados; e glifos de cabeças humanas associadas a conquistas (fólio 2v).

Os fólhos da primeira seção do códice *Mendoza* que contém textos alfabéticos também apresentam certa padronização quanto ao seu conteúdo, mas versam de maneira mais detalhada sobre os governantes mexicas e incluem outros dados e acontecimentos que não são representados nos fólhos pictográficos.

Nos fólhos de texto alfabético, a partir do 3r, a fórmula estrutural contém os seguintes elementos ordenados: A) data de início do governo; B) nome do governante; C) número de povos conquistados, sem menção aos seus nomes (com exceção dos povos mencionados nos governos de Acamapichtli, no fólho 3r, e de Chimalpopoca, no fólho 5r); D) uma citação simples sobre os textos pictográficos nos fólhos correspondentes; E) comentários sobre casamentos, filhos, belicosidade, títulos recebidos e moral do governante; e F) o total de anos de governo<sup>10</sup>.

Como exemplo da estrutura mencionada, apresento a seguir o texto alfabético em castelhano (e tradução em nota) presente no fólho 11v, que trata do governo de Tizoc (ou Tiçoçicatzin). Indico os elementos enunciados acima por meio das letras dentro de colchetes.

[A] En el año de myll y quatroçientos y ochenta y Dos años en el dicho señorío de mexico por fin y muerte de axayacaçi susçedió en el dicho señorío [B] tiçoçicatzin hermano del dicho axayacatzin y durante el tiempo de su señorío conquysto y gano por fuerça de armas [C] catorze pueblos [D] segun que susçesiuamente estan figurados y nonbrados. [E] Yten el dicho tiçoçicatzin fue por extremo valiente y belicoso en armas y antes que susçedyese en el dicho señorío hizo por su persona en las guerras cosas hazañosas de valentia por donde alcanço tomar ditado de tlacatecatl que tenyan por título de gran calidad y estado y era el punto de que en vacancio el dicho señorío el tal punto y grado susçedia luego en el dicho señorío lo qual ansi mysmo sus antecesores hermanos atras contenydos y padre y aguelo tuyeron el mysmo curso del dicho titulo y ditado por donde subyeron a ser señores de mexico. yten el dicho tiçoçicatzin por avtoridad y estado del dicho señorío tuvo muchas mugeres e hijos que en ellas obo y fue hombre graue y seuro en mandar y ser temydo e acatado de sus vasallos fue ansi mysmo aplicado e ynclinado a cosas buenas y virtuosas y buen Republicano e mando guardar y aprobar por buenas las leyes y fueros que sus antecesores avyan cumplido y guardado desde en tyempo de Guegue Motecçuma y fue zeloso de punir y castigar los malos vicios y delitos que sus vasallos cometian y ansi la republica mexicana tuvo el tiempo de su vyda hordenada y byen Regida [F] fue el discurso de su vyda çinco años al fin de los quales murio y paso desta presente vida.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> De forma excepcional, são mencionados outros elementos em alguns fólhos: G) o ano da morte do governante (Acamapichtli, fl. 3r); H) a idade que o governante tinha quando morreu (Moctezuma Xocoyotzin, fl.15r); I) rebeliões (Chalco, durante o governo de Chimalpopoca, fl. 5r); J) guerras (contra Tlatelolco, durante o governo de Axayacatl, fl. 9v); K) festas (durante o governo de Ahuizotl, fl. 12v); e L) o funcionamento da cobrança de tributo (explicado durante o governo de Moctezuma Xocoyotzin, fl.15r).

<sup>11</sup> “[A] No ano de mil quatrocentos e oitenta e dois no dito senhorio de México, por fim e morte de Axayacatl, sucedeu no dito senhorio [B] Tizoc, irmão de Axayacatl e durante o tempo de seu senhorio conquistou e ganhou por força de armas [C] catorze *pueblos* [D] que sucessivamente estão figurados e nomeados. [E] E o dito Tizoc foi por extremo valente e belicoso em armas e antes que sucedesse o dito senhorio fez pessoalmente valentes façanhas nas guerras pelas quais alcançou o título de *tlacatecatl*, que era um título de grande qualidade e estado,



No exemplo transcrito acima, os elementos A, B, C, D e F representam, de certa forma, o que está presente nos fólhos pictográficos correspondentes ao governo de Tizoc – analisado anteriormente. O elemento E, por sua vez – que apresenta comentários sobre casamentos, filhos, belicosidade, títulos recebidos e moral do governante – utiliza o dobro das linhas que os outros cinco elementos ocupam. Essa diferença exemplifica a importância que os textos alfabéticos em castelhano têm na primeira seção do códice *Mendoza*, fornecendo detalhes provenientes da tradição oral que acompanhava a produção dos manuscritos com textos pictográficos mexicas em tempos pré-hispânicos.

Nesse sentido, deve-se destacar outra característica da produção do códice *Mendoza*. De acordo com Frances Berdan e Patricia Anawalt (BERDAN e ANAWALT, 1997: xii), os fólhos com textos pictográficos teriam sido produzidos primeiramente e, em seguida, textos alfabéticos em nahuatl teriam sido escritos, e, posteriormente, traduzidos para o castelhano e incorporados, por fim, ao manuscrito – por meio de comentários ocupando fólhos quase por inteiro ou por meio de glosas nos fólhos pictográficos. Dessa forma, embora os textos alfabéticos expressem informações indígenas provenientes da oralidade, penso que a tradução para o castelhano implicou também na introdução de informações que interessariam mais diretamente aos próprios castelhanos.

Um exemplo de informação de interesse primordialmente castelhano nesta primeira seção do códice *Mendoza* é a rápida explicação sobre o funcionamento da cobrança de tributo pelos mexicas, que integra os comentários sobre o governo de Moctezuma Xocoyotzin, no fólho 15r. Esse comentário já anuncia, inclusive, que a segunda seção do manuscrito irá tratar mais especificamente do sistema tributário mexica pré-hispânico, ressaltando o potencial econômico mexica que fora conquistado pelos castelhanos.

Outro dado relevante, ainda, para se entender a construção da narrativa de poder dos mexicas nos textos pictográficos da primeira seção do códice *Mendoza* é a quantidade de glifos toponímicos, representando os *altepetl* submetidos por meio de conquistas pelos

---

pelo qual, caso houvesse vacância no dito senhorio a tal ponto e grau, sucedia logo no dito senhorio, tal como seus antecessores, irmãos, pai e avô antes dele, que tiveram o mesmo curso do dito título pelo qual se tornaram senhores de México. E o dito Tizoc, por autoridade e estado do dito senhorio, teve muitas esposas e filhos e foi homem grave e severo em mandar e ser temido e acatado por seus vassallos. Foi, assim mesmo, aplicado e inclinado a coisas boas e virtuosas e bom republicano e mandou preservar e aprovar como boas as leis e foros que seus antecessores haviam cumprido e preservado desde o tempo de Huehue Moctezuma e foi zeloso de punir e castigar os maus vícios e delitos que seus vassallos cometiam e assim a República mexicana teve o tempo de sua vida ordenada e bem regida. [F] Foi o tempo de seu governo cinco anos, ao final dos quais morreu e passou dessa presente vida”. Tradução minha com base na paleografia feita ao castelhano por Frances Berdan e Patricia Anawalt (1997).

mexicas: são de mais de 200 representações toponímicas<sup>12</sup>. Outros códices mexicas pictográficos produzidos ainda no século XVI, tal como os códices *Vaticano A*, *Telleriano-Remensis*, *Aubin* e *Manuscrito 40* não apresentam sequer 1/6 dessa quantidade de menções. As representações toponímicas da parte histórica do códice *Mendoza* são, desse modo, um aspecto de extrema importância para os produtores deste manuscrito, que tinham como objetivo valorizar quantitativamente os domínios mexicas realizados em tempos pré-hispânicos, entendendo-os como parte da conquista castelhana de México-Tenochtitlan, ocorrida em 1521.

A apropriação da narrativa do poder mexica pelos castelhanos ocorre no manuscrito por meio da submissão dos textos pictográficos aos textos alfabéticos – ou da submissão do *xiuhamatl* indígena à crônica castelhana. De forma exemplar, os quarenta e quatro glifos toponímicos dos *altepetl* conquistados durante o governo de Moctezuma, registrados por meio de textos pictográficos nos fólios 15v, 16r e 16v, são simplificados e transformados em um número no fólio 14v: “despues de aver motecçuma susçedido en el dicho señorio hizo conquystar quarenta y quatro pueblos segun que adelante estan figurados y nonbrados”<sup>13</sup>.

As conquistas mexicas tornam-se automaticamente conquistas castelhanas e são integradas, ainda, no manuscrito, à descrição detalhada dos tributos recolhidos pelos mexicas dos *altepetl* conquistados, presente na segunda parte do códice, e também aos relatos da vida cotidiana mexica em tempos pré-hispânicos, que compõem a terceira parte do manuscrito. O códice *Mendoza*, portanto, é um documento criado para atestar o potencial político, econômico e cultural do Vice-Reino da Nova Espanha para o Imperador Carlos V – ao qual o manuscrito não chegou, pois foi roubado por corsários franceses.

Por fim, o último trecho de texto alfabético em castelhano reforça a importância desta primeira seção do códice *Mendoza* para a construção de um manuscrito que apresenta as potencialidades do Vice-Reino da Nova Espanha. Neste trecho, localizado nas últimas linhas do fólio 15r, são descritas a chegada dos castelhanos e a conquista de México-Tenochtitlan, concluídas da seguinte maneira: “luego en el año siguyente despues del falleçimyento de motecçuma se gano y paçifico por el marques del valle y sus consortes esta çibdad de mexico y otros pueblos comarcanos a el y ansi se fue ganando y paçificando esta nueva españa”<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Incluem-se aí os *altepetl* que foram reconquistados ou submetidos por meio de alianças políticas.

<sup>13</sup> “Depois de Moctezuma ter sucedido o dito senhorio, fez conquistar quarenta e quatro *pueblos*, que estão adiante figurados e nomeados”. Tradução minha com base na paleografia feita ao castelhano por Frances Berdan e Patricia Anawalt (1997).

<sup>14</sup> “Logo no ano seguinte, depois do falecimento de Moctezuma, se ganhou e pacificou pelo Marquês do Vale e seus consortes esta Cidade de México e outros povos vizinhos e assim se foi ganhando e pacificando esta Nova

## Considerações finais

Com base no que foi exposto acima, os textos alfabéticos em castelhano podem ser compreendidos como uma crônica que utiliza os textos pictográficos com estrutura de *xiuhamatl* de forma ilustrativa. O registro dos textos pictográficos, quando comparado com outros códices coloniais mexicas, parece, por um lado, reconhecer e legitimar o passado mexica, destacando quantitativamente os povos dominados por meio da utilização massiva de glifos toponímicos e, por outro, destacar tão somente as conquistas dos *tlatoani* mexicas, ignorando outros conteúdos históricos das histórias mexicas – como é o caso do relato migratório que geralmente antecede o período dos governos de México-Tenochtitlan em outras histórias mexicas coloniais.

As breves análises sobre a estrutura dos textos pictográficos e dos textos alfabéticos permitem afirmar que ocorre a submissão do *xiuhamatl* indígena à crônica castelhana na primeira seção do códice *Mendoza*. Procurei mostrar neste breve texto que, embora a seção histórica do códice *Mendoza* alterne os dois tipos de textos, pictográficos e alfabéticos, é possível observar uma hierarquia estrutural e política entre eles: partindo do texto pictográfico indígena de forma ilustrativa, o texto alfabético em castelhano constrói uma narrativa na qual a submissão dos outros povos pelos mexicas é projetada de forma automática como parte dos domínios castelhanos alcançados após a conquista de México-Tenochtitlan e a criação do Vice-Reino da Nova Espanha.

## Referências

- ALCINA FRANCH, José. 1992. *Códices Mexicanos*. Madrid: Editorial MAPFRE, pp. 108-110.
- BATALLA ROSADO, Juan José. “*Matrícula de Tributos y Códice Mendoza: la autoría de un mismo ‘maestro de pintores’ para los folios 6r a 11v del primero y la totalidad del segundo*” in: *Anales del Museo de América*. Vol. 15. La Rioja: Universidad de La Rioja, 2007, pp. 9-20. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2570721.pdf>>. Acessado em 15/09/2017, 13:00.

---

Espanha". Tradução minha com base na paleografia feita ao castelhano por Frances Berdan e Patricia Anawalt (1997).

- BERDAN, Frances F. e ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). 1992. *The Codex Mendoza* (Vol. 3 - Facsimilar). Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press.
- \_\_\_\_\_. 1997. *The Essential Codex Mendoza*. Los Angeles: University of California Press.
- CARRASCO, Pedro. 1996. *Estructura político-territorial del Imperio tenochca. La Triple Alianza de Tenochtitlan, Tetzcoco y Tlacopan*. México: El Colegio de México e Fondo de Cultura Económica, pp. 27-30.
- ESCALANTE GONZALBO, Pablo. 2010. *Los códices mesoamericanos antes y después de la conquista española. Historia de un lenguaje pictográfico*. Fondo de Cultura Económica: México, pp. 61-101.
- GLASS, John e ROBERTSON, Donald. 1975. "A Census of Native Middle American Pictorial Manuscripts". In: WAUCHOPE, Robert (editor). *Handbook of Middle American Indians*. Vol. 14. Austin: University of Texas Press, pp. 160-161.
- LEÓN-PORTILLA, Miguel. 1992. *Literaturas indígenas de México*. Madrid: Editorial MAPFRE.
- \_\_\_\_\_. 2012. *Códices: os antigos livros do Novo Mundo*. (Trad. Carla Carbone – 1º ed. 2003). Florianópolis: Editora da UFSC.
- NAVARRETE LINARES, Federico. 1998. "Los libros quemados y los nuevos libros. Paradojas de la autenticidad en la tradición mesoamericana" in: DALLAL, Alberto (ed.). *La abolición del arte. XXI Coloquio Internacional de Historia del Arte*. México: UNAM-IIIE, pp. 53-71.
- NICHOLSON, H. B. 1992. "The history of the Codex Mendoza" in: BERDAN, Frances F. & ANAWALT, Patricia Rielf (ed.). *The Codex Mendoza* (Vol. 1). Berkeley, Los Angeles, Oxford: University of California Press, pp. 1-12.
- PASTRANA FLORES, Miguel. 2011. "Códices anotados de tradición náhuatl". In: ROMERO GALVÁN, José Ruben (coord.). *Historiografía mexicana: historiografía novohispana de tradición indígena*. México: UNAM, pp. 51-84.
- QUIÑONES KEBER, Eloise. 2008. "La representación sobre papel del poder entre los mexicas". In: OLIVIER, Guilhem (coordinador). *Símbolos de poder en Mesoamérica*. México: UNAM-IIA-IIH, pp. 175-192.
- ROBERTSON, Donald. 1959. *Mexican manuscript painting of the early colonial period*. New Haven: Yale University Press, p. 95-107.
- SANTOS, Eduardo N. dos. 2009. *Tempo, Espaço e Passado na Mesoamérica: o calendário, a cosmografia e a cosmogonia nos códices e textos nahuas*. São Paulo: Alameda.

SIMEÓN, RÉMI. 1986. *Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana*. México: Siglo XXI (1ª ed. em francês, 1885).